

O ESTADO DE S. PAULO

CADERNO 2

ANO IX NÚMERO 3.342 □ QUARTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1996



'Cassiopéia' só para estudantes

Rede estadual exhibe primeiro filme feito em computador no País. Pág. 8



Videobrasil ganha reforço

Estúdio europeu vai fazer co-produção com vencedor do festival. Pág. 8

Filme vai mostrar o Lumière da Amazônia

'O Cineasta da Selva', de Aurélio Michiles, terá como tema o pioneiro Silvino Santos

JOTABÊ MEDEIROS

MANAUS — No começo do século, quando já era muito difícil fazer cinema em qualquer grande cidade brasileira, fazia-se cinema no meio da selva amazônica. E não se fazia pouco. O português Silvino Simões dos Santos e Silva (1886-1970) realizou, entre 1913 e 1930, 9 longas-metragens, 57 curtas e médias-metragens e fez 2 mil fotos da Amazônia, deixando um dos mais importantes legados imagéticos da região.

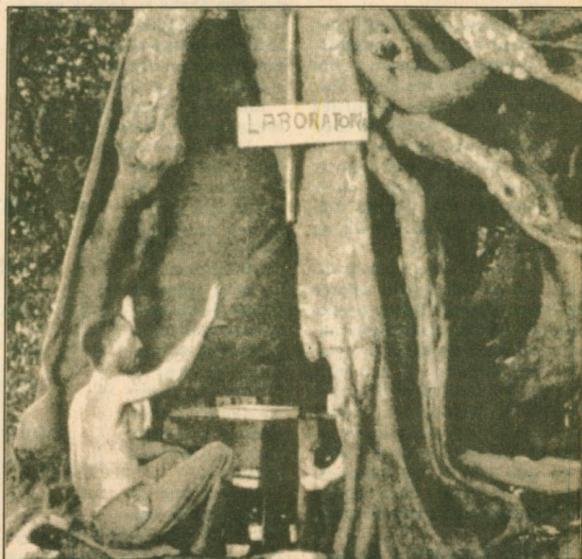
Essa odisséia de Silvino Santos vai ser levada à tela. A partir do mês que vem, começam em Manaus as filmagens de *O Cineasta da Selva*, documentário sobre o diretor que trabalhou no coração da selva e cujo laboratório ficava dentro de uma samaúma, árvore gigantesca da Amazônia. É uma história de instinto e heroísmo, uma homenagem do cineasta Aurélio Michiles a um homem que soube compreender a alma da floresta.

"Antes de Werner Herzog, Silvino foi um dos raros estrangeiros a vir para a Amazônia e conseguir entender a solidão silenciosa da selva", diz Michiles, diretor também de *Que Viva Gláuber* (1991), *A Árvore da Fortuna* (1992) e *Lina Bo Bardi* (1993), entre outros. Ele sustenta que Silvino Santos também foi um dos primeiros a fazer um tipo de fusão de imagens e um pioneiro em filmes com tomadas aéreas. Aurélio Michiles se considera militante do documentário e pretende filmar um "docudrama" (documentário dramatizado) sobre a vida e a obra de Silvino Santos, com atores representando os papéis do diretor e de sua mulher Anita.

Propaganda — Para dar uma idéia do espírito quixotesco de Silvino Santos, Michiles lembra que, para fazer seu primeiro filme, *Rio Putumayo*, em 1913, Santos percorreu 10 mil quilômetros na selva em canoa, a pé, de avião e a cavalo. "Ele fazia, em geral, filmes de propaganda que foram encomendados pelos milionários da borracha para promover a Amazônia", diz Michiles. Dessa maneira, acabou sendo o pioneiro do documentário no País.

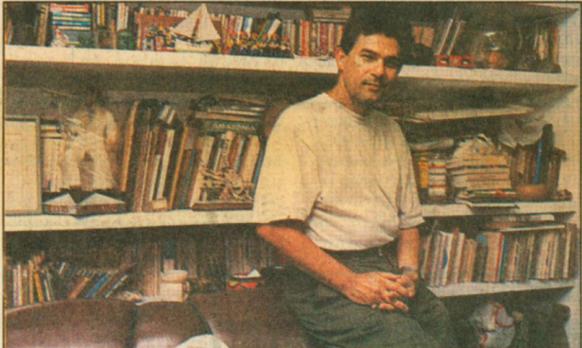
Silvino filmou índios, caboclos, flora e fauna da selva e cidades emergentes do grande Eldorado verde. O filme de Michiles pretende também retomar uma vertente importante da história da gênese do cinema brasileiro, que teve seus primeiros momentos no palco do centenário Teatro Amazonas, em 1897. Nesse ano, o teatro servia à exibição de filmes com imagens animadas trazidos de Paris, Londres e Nova York.

"Silvino é uma grande figura épica e romântica que fez cinema nos anos 10 na Amazônia e é ele a peça central do filme", diz Michiles. Baseado numa tese de doutorado defendida na PUC de São Paulo, ele iniciou uma grande pesquisa sobre o material deixado por Silvino. A empreitada, estimada em R\$ 600 mil, é da SuperFilmes, empresa dirigida por Zita Carvalhosa que está produzindo, entre outros, as curtas *A Alma do Negócio*, de José Roberto Torero, e *Ao Vivo e a Cores: Sangue e Sexo na TV*, de Tadeu Knudsen.

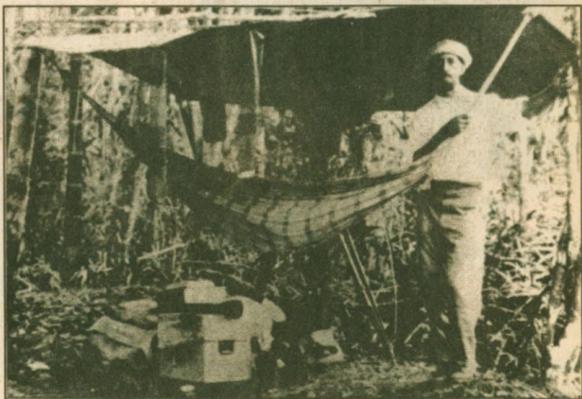


Silvino Santos em seu laboratório: improviso em plena floresta

Masao Goto Filho/AE — 29/2/96



Michiles: idéia é fazer um documentário com toques de ficção



Acampamento de filmagem: imagens de um mundo desconhecido

Para a produtora, o longa-metragem de Aurélio Michiles deve reintroduzir no cinema nacional um tipo de documentário, trabalhado ficcionalmente e com grande autonomia artística. Seu parâmetro de qualidade é *Carl Dreyer*, filme realizado pelo dinamarquês Torben Jensen e um dos grandes sucessos do festival de Veneza no ano passado. "O público precisa perder o preconceito de achar que documentário é só um amontoado de fotos e depoimentos", diz Michiles.

O Cineasta da Selva não tem uma ambição pequena. Sua previsão de público, para os cinemas, é de 400 mil espectadores. Como documentários se adequam com mais facilidade à televisão, a produtora vê a possibilidade de mais de 5 milhões de espectadores assistirem à história.

O cineasta crê que o grande pioneirismo de Silvino Santos é de natureza técnica: enquadramentos e montagem, imagens reversas

e mesmo travellings e panorâmicas. "Ele usa imagens reversas quando faz pássaros voarem para fora e de volta ao ninho e monta ao contrário para colocar o rosto de uma índia dentro de um grão de guaraná", lembra Michiles.

Ainda assim, Silvino Santos continua anônimo. Passou a Vera Cruz, passou o Cinema Novo e ele não foi descoberto. "Até hoje, é um desconhecido que, no entanto, registrou a maior documentação visual que se tem da Amazônia no começo do século." O diretor continuou na ativa até 1957, quando realizou seu primeiro e único filme colorido: *Santa Maria da Vila Amazônica*. "Desde *O Paiz das Amazonas* (1923), ele vendia a idéia de uma Amazônia de pujança econômica", conta Michiles.

A maioria dos filmes de Silvino Santos está conservada na Cinematoteca Brasileira. Outra parte está nas cinematecas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e há ainda um acervo considerável em Lisboa (Santos era português) e Washington. A equipe de produção de *O Cineasta da Selva* deve viajar a Lisboa para completar a pesquisa do filme.



O diretor Silvino Santos: 9 longas, 57 curtas e médias-metragens, além de 2 mil fotos entre 1913 e 1930

Cineasta era explorador da região

Silvino Santos aprendeu o ofício na Europa e participou de expedição no Brasil

MANAUS — Silvino Simões dos Santos e Silva aprendeu a cinematografia nas oficinas dos irmãos Pathé e nos laboratórios dos irmãos Lumière. Cruzou o Atlântico aos 13 anos em direção à Amazônia e desembarcou bem no coração da febre da borracha, que dava aos barões de Manaus a possibilidade de sonhar com um mundo novo na selva.

Foi um dos integrantes da legendaria Expedição Rice, de Milton Rice, o fundador da *National Geographic*. Ele percorreu com Rice toda a selva em aviões precários, canoas e a pé. Foi um desses super-homens instintivos que fizeram da própria vida uma extensão de sua arte.

No documentário de Michiles, Silvino é representado por um ator que relembra, entre moviolas e negativos na sua oficina na selva, as imagens e trucagens que inventou e passagens de sua vida.

"Dessa oficina, Silvino (o ator) vai a campo, cercado por figuras da época, filmando perto do Teatro Amazonas, viajando pelos rios da região, enfrentando os perigos da mata, dormindo em cavernas, revelando seus filmes num laboratório improvisado no oco de uma gigantesca árvore beira-rio, comentando a loucura que era fazer filmes naquelas condições enfrentando legiões de formigas que tentavam devorar a emulsão que cobre a película cinematográfica", diz a sinopse do filme.

Serão 20 atores e as filmagens em locações deverão durar três semanas. Entre o início das filmagens, em maio, até a estréia, prevista para 28 de novembro no Teatro Amazonas, *O Cineasta da Selva* deve percorrer um longo caminho. Todos os grandes personagens amazônicos — o peixeiro, o geleiro, os índios perdidos nas ruas das cidades, o homem do realejo, o

vassoureiro — devem estar representados. O cineasta pretende utilizar ainda trechos de filmes que deem uma idéia da época em que Silva filmou, como *Viagem Fantástica à Lua*, de Méliès, *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene, e *O Ilusionista*, de Max Linder, entre outros. (J.M.)

LABORATÓRIO DO DIRETOR FICAVA EM UMA ÁRVORE

ESTRÉIA ESTÁ PREVISTA PARA NOVEMBRO